



O TRÁFICO DE MULHERES E A PROSTITUIÇÃO NO FINAL DO SÉCULO XIX

TRAFFICKING IN WOMEN AND PROSTITUTION AT THE END OF THE 19TH CENTURY

Adrieli Rodrigues Ferrari¹

Resumo

O ano de 1867 é considerado um marco em relação à chegada ao Brasil de mulheres judias da Europa oriental, conhecidas como “polacas”. As “polacas”, termo genérico e depreciativo utilizado para referenciar as prostitutas do leste da Europa, representavam a imagem da mulher pobre, principalmente a judia, advinda de regiões agrícolas pouco industrializadas, em particular dos países que seguiam a tendência do tráfico no século XIX, como a Europa Oriental e a Europa mediterrânea. Estas fugiam da pobreza na qual se encontravam em suas aldeias, causada pela desagregação das comunidades camponesas com o avanço do capitalismo. Nesta pesquisa, propõe-se analisar as características da prostituição branca de mulheres judias no contexto sócio, político e econômico brasileiro, em particular no Rio de Janeiro, nas décadas finais do século XIX, por meio do jornal **CARBONARIO: órgão do povo**.

Palavras-chave: Prostituição; Polacas; Brasil; Periódico **CARBONARIO: órgão do povo**.

Abstract

The year 1867 is considered a milestone in relation to the arrival in Brazil of Jewish women from Eastern Europe, known as "Polacas". The "Polacas", a generic and derogatory term used to refer to prostitutes from Eastern Europe, represented the image of poor women, especially Jewish women, who came from agricultural regions that were not very industrialized, particularly from countries that followed the trend of trafficking in the 19th century, such as Eastern Europe and Mediterranean Europe. They were fleeing the poverty they found in their villages, caused by the break-up of peasant communities with the advance of capitalism. This research aims to analyze the characteristics of white prostitution of Jewish women in the Brazilian social, political and economic context,

¹ Graduanda do 4º ano de curso de História pelo UNISAGRADO, Bauru-SP. Artigo realizado para as disciplinas de História Contemporânea e Metodologia de Pesquisa em História, sob a orientação da Profª Drª Lourdes M. C. Feitosa e do Profº Drº Roger M. M. Gomes.



particularly in Rio de Janeiro, in the final decades of the 19th century, through the newspaper **CARBONARIO: órgão do povo**.

Keywords: Prostitution; Polish women; Brazil; Periodical **CARBONARIO: órgão do povo**.

INTRODUÇÃO

O século XIX foi cenário para diversas mudanças e transformações sociais, econômicas e culturais. No campo da disciplina histórica, na qual se fortalece enquanto ciência, debates acerca da família e da sexualidade ganham espaço a partir da expansão da Nouvelle Histoire, no século XX, possibilitando um vislumbre da participação feminina na história.

Na historiografia brasileira, o século XIX, juntamente com o século XX, é reconhecido como um campo fértil para a análise da temática referente a mulher, sendo, nesse contexto, percebida como um grupo marginalizado na sociedade. Dessa maneira, as abordagens iniciais tinham por base a percepção da diferença e exclusão, construindo a figura feminina como mera vítima da sociedade. Tal visão é posteriormente transposta, sendo incorporada questões relativas a resistência Priore (2004).

Nesse contexto, a figura feminina passou a ser estudada em diversos âmbitos, a mulher enquanto militante, operária, prostituta etc. No que se refere a esse último campo no desenvolvimento de pesquisas, a percepção com relação a posição de vítima da sociedade, sem empregar os aspectos da resistência ainda pode ser observado em produções mais recentes. Nesse sentido, a presente pesquisa visa contribuir, ainda que parcamente, ao empregar questões que vão além da mulher enquanto vítima. Nesse sentido Perrot (2007), *apud* Araújo (2015), destaca:

O momento agora é de fazer com que um público mais amplo tenha acesso as descobertas dos historiadores. A história precisa sair das universidades e ganhar as ruas. A história das mulheres deve ser discutida nos salões de beleza, nos almoços de família, nas mesas de bar, nos ambientes de trabalho; deve estar presente nas escolas, nas TV's e rádios



brasileiras, no judiciário e no legislativo, assim como na elaboração de políticas públicas. (PERROT, 2007, p. 11 *apud* ARAÚJO, 2015)

Ao analisarmos brevemente a prostituição ao longo da história torna-se perceptível sua presença em sociedades diversas, ainda que em cada contexto apresente características próprias, tem como princípio a obtenção de rendimentos através de atos sexuais. No Brasil, a prostituição encontra-se em desenvolvimento desde o período da colonização, em que houve um incentivo a imigração de mulheres brancas com a finalidade de tornar a raça branca preponderante em um contexto de miscigenação entre os indígenas e portugueses colonizadores.

Semelhantemente, durante a metade do século XIX, a vinda de mulheres para o Brasil é novamente incentivada, tendo como fator determinante a desproporção populacional entre homens e mulheres. Segundo Marcelo Gruman (2006) com a expansão urbana ocorrida a partir de 1850, o porto do Rio de Janeiro, capital do Império e centro de exportações e importações nesse contexto, obteve grandes atividades de imigração, no qual pessoas estrangeiras ou de outras regiões do Brasil se locomoviam buscando melhores condições de vida, que por sua vez deu abertura ao mercado do baixo meretrício e posteriormente para a prostituição de luxo.

No final do século XIX e início do século XX, a prostituição sofre grande expansão na sociedade brasileira, sendo construídos grandes bordéis e zonas de meretrício em um contexto de grandes transformações na paisagem urbana que se encaminhava rumo ao progresso e a modernidade, tendo como referência o mundo europeu. O termo *Belle Époque* foi cunhado para designar essa época de transformações. Nesse sentido Araújo (2015, p. 226) destaca “No período da *Belle Époque*, a elite brasileira queria se igualar aos europeus e para isso abraçavam os ideais da vida cosmopolita, substituindo elementos tradicionais por elementos culturais vindos, principalmente, da França.”

A valorização da cultura europeia trouxe consigo uma nova percepção a respeito da figura feminina, construindo uma idealização embasado na mulher francesa, sendo transferido o conceito de modernidade e transformações dos costumes a inicialização do ato sexual com as prostitutas francesas, associado a uma função civilizadora. Destaca Schettini, Popinigis (2009, p. 62):



O aumento inédito da imigração europeia para alguns centros urbanos da América do Sul impactou fortemente nas relações sociais locais. Isso é particularmente visível no caso da prostituição, uma vez que a crescente visibilidade de mulheres brancas europeias no mercado sexual carioca levou a uma complexa construção de estereótipos em que elementos de gênero e étnicos eram combinados a percepções sexualizadas da nação. Neste contexto se entende a articulação de estereótipos da prostituta francesa — personificação da mulher elegante, cosmopolita e civilizada — e da polaca — associada à mulher miserável, rural, e vulnerável a enganos e violências.

O ano de 1867 é considerado um marco em relação a chegada de mulheres vindas do leste europeu ao Brasil, conhecidas pejorativamente como “polacas”, termo pejorativo que faz referência as meretrizes em sua maioria judias que fugiam da pobreza e perseguição de suas aldeias que em enfrentavam a desagregação causada pelo avanço do capitalismo. Fugiam também das perseguições religiosas que assolavam o leste europeu e resultou no maior êxodo judeu desde a Inquisição, da exclusão social e do analfabetismo que assolavam principalmente as mulheres que não tinham acesso à educação (VINCENT, 2006, p.31).

Como forma de fugir de um futuro destinado a extrema pobreza, além de não possuírem dotes para dar a família do noivo de sua escolha, as mulheres aceitavam propostas de casamento de homens judeus que diziam ter “feito a vida” na América mas não encontrado moças de boa família propor casamento. Iludidas com a expectativa de mudança de vida, muitas mulheres foram seduzidas e trazidas para a América, onde se deparavam com a exploração sexual e privação de liberdade, sendo ameaçadas de deportação e submetidas ao acúmulo de dívidas e a servidão.

Os caftens judeus e as escravas brancas, como também eram chamadas as “polacas”, eram inteiramente desprezados pela comunidade judaica respeitável, mesmo que essas mulheres fossem obrigadas a tais atividades e precisassem de ajuda. No entanto, cabe ressaltar que nem todas eram enganadas e obrigadas a prostituição, uma parcela das mulheres que vinham do leste já se prostituição ou vinham com a intenção de enriquecer na América.

Uma das formas de resistência empregadas pelas prostitutas judias foi a formação de uma organização de caridade no Rio de Janeiro que inicialmente prestavam serviços funerários para garantir um enterro digno a essas mulheres que eram consideradas párias da sociedade. Posteriormente, essa organização viria a se tornar similar às existentes em



Buenos Aires, Nova York e São Paulo, prestando outros serviços religiosos, se diferenciando, entretanto, na admiração sendo comandada pelas próprias prostitutas.

O tráfico de mulheres para fins de exploração sexual ainda se apresenta como um assunto recorrente na imprensa atualmente, onde casos de mulheres brasileiras que são levadas para bordéis europeus, objetivando se prostituir em boas condições e com alta remuneração. Entretanto, em pouco tempo também percebem a realidade que irão viver, perdendo a liberdade e tornando-se escravas sexuais

Com o objetivo de melhor analisar as questões relacionadas às características da prostituição, principalmente das polacas judias, no âmbito sócio, político e econômico e suas formas de resistência no Rio de Janeiro, será utilizado como fonte a edição de 1888 do periódico Carbonário, sendo destinado à população menos abastada, é composto por comentários dos leitores e artigos relevantes para a presente temática.

A PROSTITUIÇÃO NO BRASIL

Durante os primórdios da colonização do Brasil, com a vinda de homens que partiram de seus países de origem sem suas famílias para explorar as terras do “novo mundo”, emergem questões relacionadas a sexualidade, as formas de suprir os desejos e os anseios sexuais. Simultaneamente, com a proximidade estabelecida com os grupos indígenas, os colonos passaram a desenvolver relações sexuais com as índias, se integrando aos grupos quando estas engravidavam.

Com a concepção crescente das mulheres indígenas, a situação tornou-se preocupante aos olhos da igreja católica que receava a miscigenação que estava ocorrendo. Como tentativa de contornar tal circunstância, o responsável pelos jesuítas no Brasil, Padre Manoel da Nobrega, envia um pedido ao rei de Portugal para que mandasse mulheres brancas portuguesas para se casarem e se reproduzirem com os colonos de modo a tornarem a raça branca prevalecente. Para tentar atingir essa pretensão, foram enviadas à colônia órfãs, ladras, assassinas e prostitutas, desde que essas mulheres “não sejam velhas e doentes e incapazes de poder casar.”. (CAVOUR, 2011)



Durante a passagem do século XVII para o século XVIII, muitas escravas se prostituíam, e vários autores tendo por base o relato de viajantes atribuíam o fenômeno da prostituição como recorrente em toda colônia, reconhecendo como uma situação derivada da pobreza e miséria social, sendo uma circunstância em que mulheres majoritariamente se encontravam. Se por um lado, os autores enfatizavam a exploração dessas mulheres pelo trabalho escravo e pela coação a prostituição, também apontavam os números crescentes da população mestiça, percebido como uma ameaça política nesse contexto.

O século XVIII foi marcado pelo desenvolvimento do núcleo urbano no Rio de Janeiro, haja vista sua função de principal porto escoador de produtos mineiros, e posteriormente de centro político administrativo. A partir de 1808, com a vinda da corte portuguesa e a abertura dos portos, tratado econômico que possibilitava as colônias portuguesas na América estabelecer relações com as outras nações europeias além de Portugal, houve um crescimento populacional considerável, que no decorrer do século XIX se tornaria progressivo, o que seria uma importante referência para observar as mudanças sociais que estavam em curso.

O aumento populacional decorrente da migração de escravos libertos da zona rural para a área urbana e a intensificação da imigração contribuíram consideravelmente para o cenário da redução de empregos que se intensificou. Se por um lado as possibilidades de ofícios se ampliaram com a expansão da estrutura urbana, englobando parte da mão-de-obra livre, a capacidade de absorção desses setores urbanos se apresentava como insuficiente dado a demanda existente, devendo ainda ser considerado nesse contexto a utilização do trabalho escravo por esses setores.

Com a crise do sistema escravocrata a questão do desemprego urbano sofre um agravante, o contingente disponível para mão-de-obra se expande pela permanência daquele que anteriormente era um escravo na cidade e pela vinda dos libertos da zona rural, o que por sua vez impactava na diminuição do salário e no aumento da exploração do trabalhador. Assim, vários segmentos da sociedade sofreram com as circunstâncias de precariedade nesse âmbito, inclusive a parcela feminina que se encontrava em situação ainda pior considerando as restrições dos ofícios que poderiam ser executados pelas



mulheres e os salários ainda menores que o dos homens em setores como fabril, o que tornava comum a prostituição como uma alternativa.

O século XIX é caracterizado pela expansão do capitalismo e pela revolução dos meios de transporte, o que facilitou o contato com a Europa, impulsionando uma onda imigratória que se direcionaria principalmente para o Rio de Janeiro. Nessa conjuntura, os imigrantes que vinham rumo a América aportavam com o objetivo de recomeçar, de “fazer a vida” no novo mundo, ou seja buscavam novas oportunidades, muitas vezes longe de seus locais de origem, almejando melhorar de vida, o que por sua vez possibilitou a abertura para o baixo meretrício.

Simultaneamente a esse mundo em expansão, a prostituição tendia a diversificar sua oferta para além dos prostíbulos vistos como torpes em que se localizava o baixo meretrício, se estabelecendo também em locais mais refinados destinando-se a uma nova classe que se consolidava, a elite cafeeira, a qual abriu margem para o desenvolvimento do mercado altamente lucrativo da prostituição de luxo, tendo como ideal feminino a mulher europeia, principalmente da “polaca” como pontua Margareth Rago:

A atração pela ‘polaca’, seja ela associada às polonesas, austríacas, russas ou judias fundou-se na constituição de um imaginário voltado para a idealização das regiões distantes povoadas por raças diferentes, onde ocorriam histórias fantásticas de nobres, num país onde até então grande parte das prostitutas provinha dos contingentes de escravas e ex-escravas negras, principalmente no Rio de Janeiro. Mulheres loiras, ruivas, claras, delicadas, de olhos verdes ou azuis tornavam-se mais misteriosas e inatingíveis para uma clientela masculina seduzida pelos mistérios fantásticos da vida moderna e impulsionada pelo desejo de desvendar física e simbolicamente os labirintos. (RAGO, 1991, p. 294).

Segundo Rago (1997, p. 487) muitos foram os esforços feitos pelas elites brasileiras para que houvesse a imigração de indivíduos advindos de países predominantemente europeus, desconsiderando os países da África ou Ásia, em decorrência da influência de teorias eugenistas que circulavam pela Europa e Estados Unidos nesse momento. Dessa maneira, as elites demonstravam grande preocupação com a formação do “novo trabalhador brasileiro”, cidadão da pátria, disciplinado e produtivo – e, evidentemente, dedicavam muitas horas discutindo ‘o embranquecimento e o fortalecimento da raça’” (RAGO, 1997, p. 487).



Ainda que um diversificado leque de nacionalidades tenha chegado ao porto carioca voltados ao mercado da prostituição, a presença das polacas e francesas teve um maior peso, sendo estas consideradas sinônimos de prazer. Tal posição em que foram inseridas remetia ao fenômeno da *Belle Époque*, termo cunhado para designar esse contexto de transformações que as principais cidades do período experienciavam, ocasionado pelas revoluções científico-tecnológicas que estavam ocorrendo no século XIX. Nesse sentido Araújo (2015, p. 226) destaca que “No período da *Belle Époque*, a elite brasileira queria se igualar aos europeus e para isso abraçavam os ideais da vida cosmopolita, substituindo elementos tradicionais por elementos culturais vindos, principalmente, da França.”

Dessa maneira, a modernidade que se almejava atingir podia ser visualizada através das práticas que buscavam eliminar o que era considerado “atraso colonial”, sendo vistos como um empecilho os costumes tradicionais, as estruturas da cidade, que necessitavam de uma nova imagem que colocasse fim as ruelas estreitas e sujas, ao odor dos animais que vagavam pelas ruas, ao comércio ambulante com pouca higiene, a população negra e pobre que transitava pelo centro da cidade, além das epidemias que assolavam a população e assustavam os estrangeiros.

Se por um lado perseguições a velhos costumes eram feitas e cortiços eram derrubados dando espaço a construções de grandes avenidas, cinemas confeitarias e teatros, por outro a prostituição ganhava espaço em meio a sociedade durante o final do século XIX e início do século XX. Tal circunstância tornava-se evidente tendo em vista as grandes construções de bordéis e zonas de meretrício, que englobavam os cafés-concerto, os cabarés, teatros e restaurantes, frequentados por várias classes sociais.

No entanto, ainda que prostitutas frequentassem lugares comuns de sociabilidade, as mulheres respeitáveis e as meretrizes procuravam manter certa distância. Ainda assim, em tais estabelecimentos como os cafés-concerto e casas de chope onde eram frequentes a presença de prostitutas, havia incentivo por parte dos proprietários para que isso ocorresse possuindo como objetivo atrair mais clientes. Nesse sentido, Engel (2004), *apud* Cavour (2011, p.?), destaca que “Nas confeitarias e teatros mais elegantes da cidade encontraríamos as prostitutas de luxo. A confeitaria Colombo, por exemplo, era



frequentada das 14 às 17 horas por senhoras de família e a partir de 17:30, o público era de prostitutas”.

Em contraponto ao mundo da prostituição de luxo ocupado em sua maioria por francesas ou mesmo por mulheres que se diziam nascidas na França representando de alguma forma essa cultura vista como superior para alcançar prestígio social, há a realidade das mulheres que ficaram conhecidas pelo imaginário popular como “polacas”, e que ocupavam em sua maioria o baixo meretrício, sendo poucas as que realmente conseguiam se tornar grandes cortesãs, mas que exerciam grande fascínio por virem de regiões distantes representando, em suma, os mistérios fantásticos da vida moderna.

TRÁFICO DE MULHERES: A VINDA DAS “POLACAS” PARA O BRASIL

Tendo em perspectiva a Europa Oriental durante o final do século XIX, além das mudanças que assolavam a Europa em sua totalidade como já citado, este se constitui como um momento particular da História também para a comunidade judaica ali localizada, na qual eram assoladas por problemas econômicos ocasionados pelo avanço da industrialização e a tecnologia no campo. Grande parte da Europa enfrentava problemas em acompanhar o processo de industrialização, o que resultava no desemprego e pobreza de milhares de pessoas, entretanto a situação nas comunidades judaicas se agravava tendo em vista o terror ocasionado pela onda antissemita.

Como forma de fugir da pobreza que assolavam suas aldeias muitos pais se viam obrigados a venderem suas filhas à comerciantes do prazer como meio de sobrevivência, iludidos com a perspectiva de melhores condições de vida. Já ao que se refere aos judeus, muitas mulheres considerando a possibilidade de se esquivar do destino a que se viam predestinadas em suas aldeias, o de trabalhar para sobreviver, raramente visando prosperar, aceitavam propostas de casamento de estrangeiros elegantes que diziam ter retornado à suas raízes no *shtetls*, o povoado judeu, em busca de uma noiva apropriada. Julgando serem bons pretendentes, muitas embarcavam rumo as Américas, onde se descobriam enganadas sendo forçadas a prostituição. Sobre tal situação Ferreira da Rosa afirma:



Então, o Dr. Felix da Costa procedeu a rigoroso inquérito, e ficou oficialmente verificado que existia já entre nós “uma associação composta de judeus russos, alemães, austríacos e de outras nacionalidades, com o fim especial de importar para o paiz mulheres inexperientes para entregal-as à prostituição e tirar dellas todo o proveito possível, especulando assim do modo mais torpe com a honra e a vida de milhares de infelizes arrancadas ao seio das suas famílias sob promessas illusorias de riquezas e de um futuro risonho. (ROSA, 1896, p. 48)

Se por um lado muitas mulheres foram enganadas com propostas de casamento ou emprego, julgando haver grandes oportunidades no novo mundo, e ao invés disso foram forçadas a se prostituir, por outro lado muitas vieram sabendo o que as esperava, embora em condições ainda mais precárias do que imaginavam, sendo constantemente exploradas por *caftens*² que se apropriavam de seus rendimentos e faziam uso constante de violência. Nesse sentido, Rago afirma:

(...) o mais importante a ressaltar é que a grande maioria das escravas brancas participava desse meio, conhecia suas regras e desejava “fazer a América” como prostitutas nos principais mercados do prazer. Apesar de todas as fantasias que cercam as histórias do tráfico, muito pouco vinham iludidas ou forçadas. (RAGO, 1992, p. 290)

Ainda que muitas mulheres já se encontravam inseridas na prostituição e partiam rumo a América com o objetivo de prosperar nesse meio, Kushnir (1996, p. 64) destaca alguns fatores que impactaram na “opção” dessas mulheres pela prostituição, podendo ser apontado o lugar de onde eram recrutadas para o mercado da prostituição, as aldeias ou grandes cidades, onde já eram excluídas socialmente. Devido a situação de pobreza em que se encontravam inseridas, essas mulheres não tinham o “bilhete de troca” - o dote – para conseguir um marido em melhores condições financeiras, e tão pouco possuíam alguma qualificação para trabalhar nas fábricas para sair da miséria. Tal situação acabava por se repetir no Brasil e em outros países, onde sem qualificação alguma para trabalhar nas fábricas e temendo voltar a situação de miséria e fome viam a prostituição no baixo meretrício como opção.

² *caften* é o indivíduo que escraviza mulheres neste fim do século XIX. O cáften é o homem que vive ocioso, traficando comodamente com a moça ignorante que vai arrancar ao seio da culta Europa. O cáften é o miserável que explora a crápula, assoalha o vício, empunha a chibata, e arranca sangue e ouro da carne das mulheres sujeitas ao seu senhorio (FERREIRA DA ROSA, 1896, p.22)



Pode-se dizer que o Brasil sempre foi palco de correntes imigratórias, entretanto no século XIX, assim como os Estados Unidos e a Argentina, se tornou um ponto privilegiado para imigração tendo em vista a perspectiva de serem países novos que não apresentavam as antigas tradições do velho mundo, criando a expectativa de oportunidades de trabalho e prosperidade. Todavia, tal situação se modifica com as leis restritivas que estabeleciam cotas de entrada de imigrantes de uma mesma nacionalidade nesses dois países.

Nesse contexto, o Brasil torna-se uma alternativa para a chegada de imigrantes, principalmente, em um primeiro momento, aqueles advindos da Europa Oriental, tendo em vista a falta de obstáculos das leis restritivas no que diz respeito a imigração, e mesmo a atividades vinculadas ao cafetismo e a prostituição. Ademais, o governo brasileiro aproveitou a oportunidade criada pelas leis restritivas em outros países de modo a melhorar sua imagem no exterior, apresentando as oportunidades de futuro. (KUSHNIR, 1996, p.53)

Grande parte das mulheres vindas da Europa Oriental, que habitavam os territórios da Polônia, Hungria, Áustria e Rússia, e se destinavam ao mundo da prostituição, haviam estado anteriormente na Argentina, mais especificamente em Buenos Aires, sendo conhecidas entre os anos de 1880 e 1930 como o maior centro mundial de comércio da prostituição. Além dessa questão, Buenos Aires também era considerada o mercado distribuidor de todo o continente sul-americano, saindo desse local inclusive mulheres destinadas aos bordéis do Rio de Janeiro.

O monopólio do tráfico de escravas brancas, como se convencionou chamar o tráfico das “polacas”, durante a passagem do século XIX para o XX pertencia, segundo Vicent (2006, p. 22), a chineses e japoneses, entretanto, as organizações de judeus obtinham grande sucesso nesse meio, se diferenciando de outras gangues ao se concentrarem em mulheres e meninas judias pobres, facilmente enganadas pelas promessas de casamento religiosos. Uma das organizações bem-sucedidas nesse período, embora fortemente perseguida na Argentina por oficiais e pela comunidade judaica preocupada em se separar do “impuros” para protegerem-se de ações antisemitas, é a



Zwi Migdal associada a máfia judaica que dominavam o tráfico de brancas nas rotas de Odessa/Buenos Aires, tornando-se mundialmente conhecida.

A comunidade judaica como um todo julgava os caftens e as “polacas” como elementos indesejáveis, sendo instruídos pelos rabinos a não manter nenhum tipo de contato. Forçadas a escravidão sexual, sendo desprezadas pela comunidade respeitável, essas mulheres formaram associações de caridade, como a localizada no Rio de Janeiro, que tinha o objetivo, inicialmente, de garantir um funeral adequado aos seus membros, considerando os preceitos religiosos judaicos. Organizações religiosas similares podiam ser encontradas em diversos lugares como São Paulo, Buenos Aires e Nova York, mas se diferenciavam em alguns aspectos, como na fundação e administração, possuindo em sua frente os caftens em questão, em contraponto a associação carioca comandada pelas próprias “polacas” (VINCENT, 2006, p.23).

AS “POLACAS” ATRAVÉS DO CARBONÁRIO

O uso de periódicos como fonte histórica foi percebida durante muito tempo com certo receio tendo em vista seu caráter subjetivo. No entanto, tal perspectiva sofre modificações com as inovações da nova historiografia da chamada Escola do Annales, que colocou em pauta as contribuições da utilização de fontes que iam além da oficiais relacionadas as grandes figuras. Nesse sentido, os jornais passam a ser vistos como um importante meio para compreender o passado, não devendo ser percebidos, no entanto como um reflexo de um determinado contexto, mas como documentos que apresentam perspectivas daqueles que os produzem, sendo muito rico para o estudo do historiador.

Considerando tais questões, o *Carbonário*, periódico carioca em circulação de 1881 a 1990, é constituído por assuntos políticos, tendo em vista principalmente as questões locais que faziam parte e afetavam de maneira direta o cotidiano da comunidade. Com destino às camadas populares, o jornal é organizado de forma simples com colunas específicas onde são apresentadas notícias sobre as ruas principais e posteriormente a



coluna livre, destinado às exposições das opiniões dos moradores locais e onde as denúncias mais recorrentes sobre a prostituição são visíveis.

As rotas do tráfico de mulheres que eram destinadas à prostituição, apesar de não serem claramente visíveis, são mencionadas constantemente nas páginas do *Carbonário* evidenciando a estreita relação com Buenos Aires, maior centro mundial de comércio da prostituição entre os anos de 1880 e 1930, além de também ser considerado o mercado distribuidor de todo o continente sul-americano, saindo desse local mulheres e meninas destinadas aos bordéis do Rio de Janeiro.

Em meio às colunas de opinião popular, o termo “polaca”, referindo-se às prostitutas escravizadas que anteriormente haviam estado nos conventinhos de Buenos Aires, aparece no periódico pela primeira vez no dia 25 de abril, na coluna denominada “Fatos e Boatos”, de autoria desconhecida, como boa parte das publicações semelhantes, dizendo o seguinte: “Adelia, polaca, cor morena, olhos negros, bocca rasgada, voz de taxo. Chegou ha pouco de Buenos-Ayres e está na rua do Lavradio. Tem caften, dizem, e veio de um conventinho em que haviam” (CARBONÁRIO, 1888, Vol 49, p.2).

Embora poucas vezes as “polacas” foram mencionados de maneira direta, quando citadas eram associadas as suas descrições físicas de suas condutas sociais e, por vezes de suas origens. Mulheres de olhos negros, consideradas públicas, colocadas como depravadas e inconvenientes, ainda que não tão ruins quanto a figura dos caftens, vistos como uma corja de nacionalidade estrangeira, vivendo às custas da exploração dos corpos dessas mulheres:

os caftens trazendo de Buenos Ayres uma legião de mulheres depravadas que aqui vêm ser escravas delles. Ultimamente tem chegado umas dez ou doze; são as que se acham em diversas rótulas desta rua, não contando com as da rua da Carioca. Os moradores desta rua estão vendo as suas casas de. negocio mal paradas, e as habitações obrigadas a terem as janellas fechadas para não assistirem ás scenas escandalosas que se passam. (CARBONÁRIO, 1888, vol.63, p.3)

Dentre as questões abordadas, a temática relacionada à higienização social aparecia com certa frequência, tornando-se perceptível no decorrer dos volumes de 1888 a transição relacionado ao vínculo dessas mulheres com a transmissão de doenças, onde



a princípio, os lugares considerados imorais tinham o grande foco de culpabilidade, modificando-se posteriormente para a figura da prostituta como transmissora de doenças venéreas. Tal questão pode ser vista no volume 45 de 1888:

Hontem encontramos em uma rua desta corte um moço completamente inutilisado para o trabalho, todo syphilitico, todo rheumatico, com as partes visíveis do corpo cobertas por grandes chagas de mau character: finalmente, em um estado tal que faria lastima e dó. A victima de taes soffrimentos, entre angustias e dores, disse-nos. — Isto que vedes é a consequencio das relações mantidas com uma rapariga que ahi anda pelos theatros— a Positivista. Ficamos horroisados. Em nosso paiz não ha ; infelizmente, um regulamento para a prostituição, que sujeite, como em toda a parte, as mulheres a revistas sanitárias periódicas. Por isso as Positivistas, as Amelias Faíscas, as Lucias, ahi andam, fóra dos hospitaes, quando deviam estar servindo para o estudo das enfermidades syphiliticas na Academia de Medicina !. Lamentamos a sorte do pobre moço, que antes conhecêramos gordo e sadio, activo, intelligente e trabalhador, hoje, porém completamente inutilisado. Chega a ser triste e doloroso!.(CARBONÁRIO, 1888, vol 45, p. 2)

Neste mesmo ano, verificou-se diversas aparições de notícias relacionadas às prostitutas estrangeiras, entre elas as polacas, as quais eram apresentadas como escravas brancas. É possível observar em meio aos comentários de autores anônimos da coluna Fatos e Boatos várias passagens citando a presença tanto de homens quanto de mulheres de origem judaica nas páginas do impresso, como é o caso do dia 5 de outubro em que aparecem duas citações sobre as mulheres judias que atuavam nas zonas de meretrício:

Até que emfim, a Angelina deu com o quartel mestre na rua. O diabo da judia tem praga de caften sobre as costas, tanto que tendo se atirado a sobrado da rua do Lavradio, agora está em charutaria da rua de Gonçalves Dias. O' mulher caipora. (CARBONÁRIO, 1888, vol. 117, p.2)

Uma dos judias de que falamos está na rua dos Arcos n. 23, onde se ha de confirmar a liquidação que começou no Louvre. Depois, o caften dos bonets, e a Leonor da rua Sete, tomarão conta da escrava extraviada. (CARBONÁRIO, 1888, vol. 117, p.2)

Em 1888 a coluna fatos e boatos e a secção livre tornam-se um território fértil para a verificação da presença dessas mulheres nas zonas de meretrício do Rio de Janeiro, como é o caso do dia 10 de setembro onde abordado sobre uma mulher judia trazida de Buenos Ayres para ser explorada no Brasil como prostituta:



Aquí ha tempos fallou-se de um atrevido caften, de nome Felipe, que apparentava explorar a profissão de alfaiate, mas que era effectivamente o senhor de uma mulher judia, moradora á rua da Carioca n. 80. Pois este sujeito acaba de fazer uma bilontragem muito das suas cordas. Conseguiu seduzir e reduzir a escrava sua, uma outra judia, que morava também na rua da Carioca. Com ella embarcou-se pois, para Buenos-Ayres, furtando-a aos cuidados de um amante que tinha aquella mulher, a qual vae, como é de praxe chrismar-se e casar-se eom o patife n'aquella republica, de onde voltarão ambos a esta corte para explorarem a prostituicao. Foi uma de mestre, mas mestre de bilontragens, não mestre alfaiate. (CARBONARIO, 1888, vol 106, p.3)

Nesse sentido, o periódico em questão traz em suas páginas a percepção de uma parcela da sociedade sobre a prostituição, sendo percebida como um mal que deveria ser combatido. Vários são os artigos que exigem dos oficiais de justiça uma posição “em favor da moral pública”, oferecendo propostas para resolver a situação vivenciada:

Estabelecido que as meretrizes deverão habitar em casas especialmente destinadas a ellas, os chamados conventilhos, preciso é preceituar um regimen para taes casas, que devem ser constantemente inspeccionadas, e mesmo para as ditas meretrizes.

Do exercício da prostituição resulta a propagação de syphilis e todos os males concernentes. Por isso, em todos os paizes em que a prostituição rege-se por regulamentos especiaes, taes mulheres soffrem revistas sanitárias periódicas, afim de que se recolham a hospitaes e casas de saúde aquellas que estejam doentes.

(...)

Quantas e quantas vezes não temos visto homens que eram sadios e laboriosos, atirados mezes e mezes ao fundo de uma cama , em consequencia d'esses males que são inevitáveis, dado o relaxamento em que vivemos?

(...)

Esta medida de visitas sanitárias obrigatórias devia ser adoptada o quanto antes, ainda mesmo que todas as outras que referem á moralidade publica ficassem em projeto.

Tal concepção fazia parte das medidas de higienização e moralização social, possuindo o intuito de remodelar as cidades para afastar e esconder a miséria da sociedade. O controle higiênico sobre a população menos abastada era justificado pela missão de “civilizar” tais indivíduos tidos como selvagens e rudes, além da tentativa de controlar as epidemias. (ARAUJO, 2015, p. 227)

No periódico em questão, vários foram os artigos que eram compostos por comentários ácidos e insinuações relacionadas ao regime imperial em vigor. Tais ações se justificavam pela missão do jornal tida como uma forma de resistência dos verdadeiros patriotas, os populares, as autoridades inertes e protetoras do crime. Nesse sentido, torna-



se perceptível como tais concepções impregnavam-se nos discursos, possibilitando vislumbrar as discussões e anseios, em um cenário de diálogo e embates entre os variados grupos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise do periódico *Carbonário* foi possível verificar como as camadas populares as quais se destinava o jornal abordava a prostituição no Rio de Janeiro durante o final do século XIX. Constatou-se que a prostituição era vista de uma forma negativa, relacionando a profissão a um grande mal social e a figura da prostituta como transmissora de doenças venéreas, sendo frequente as exigências em “favor da moral pública”. Apesar dos esforços da polícia carioca para acabar com as atividades relacionadas a esse ofício, descritos no jornal, ocorreu um aumento do número de mulheres estrangeiras no Brasil provindas de países europeus, que eram exploradas pelos *caftens* em diversas localidades do Rio de Janeiro. Verificou-se, também, por meio do estudo realizado sobre as rotas realizadas no tráfico de mulheres, que Buenos Ayres era citada com muita frequência nas páginas do jornal como ponto recorrente de passagem das mulheres estrangeiras que depois chegavam até às zonas de meretrício do Rio.

Com ênfase na análise da mulher judia, muitas vezes retratada pelo periódico estudado como polacas, é averiguado uma forte presença de judeus nas zonas de prostituição, seja apresentado pela figura dos cáftens ou das prostitutas, as quais eram consideradas escravas brancas, tendo suas atividades quase sempre atreladas à figura do homem que as aliciava. Era esta figura dos cáftens que mais pareciam no jornal *Carbonário*, e as poucas referências às polacas mostram-nas como mulheres submissas e sem grandes representações, uma vez que o grande problema sentido pela comunidade que presenciava mais este universo da prostituição era o explícito desprezo pela figura dos aliciadores.



FONTES

CARBONARIO: órgão do povo. Rio de Janeiro, RJ: Typ.do Carbonario,1888. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/carbonario/332771>. Acesso em: 19 nov. 2020.

REFERÊNCIAS

APPAUN, Alexandre de Oliveira. (2011) **Tráfico de mulheres, feminismo e relações internacionais: uma abordagem histórica.** In: 3º ENCONTRO NACIONAL ABRI 2001, 3, São Paulo. Associação Brasileira de Relações Internacionais Instituto de Relações Internacionais – USP.

ARAÚJO, Taynara Mirelle do Nascimento. “Madame Pommery”: a prostituição das polacas no Brasil, **Entrepalavras**, Fortaleza, ago/dez, 2015.

CAVOUR, Renata Casemiro. **Mulheres de Família: Papéis e Identidades da Prostituta no Contexto Familiar.** 2011. Tese (Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

FERREIRA DA ROSA, Francisco. **O lupanar: estudo sobre o caftismo e a prostituição no Rio de Janeiro: primeira parte da série de artigos publicados n'O Paiz sob a epigraphe a "podridão do Vício"**, Rio de Janeiro, 1896. Revisão de Ayrton Gonçalves; prefácio de Verena Kael e Matilde Teles; arte e diagramação de Angely Fleitas. 1. reimpr. Rio de Janeiro: [s.n], 2009.

KUSHNIR, Beatriz. **Mulheres e Judias e Prostituição. As Polacas e suas associações de Ajuda Mútua. BAILE DE MÁSCARAS.** Rio Janeiro: Imago, 1996.

LADEIA, Ansyse. **TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES E SEU ENFRENTAMENTO NO ÂMBITO NACIONAL E INTERNACIONAL.** Orientador: Gustavo Adolfo Menezes Vieira. 2016. 25 f. Artigo científico (Graduação) - Campus Rio Vermelho, 2016.

MENEZES, Lená. **ENTRE DENÚNCIAS E PROPOSTAS: O tráfico de brancas e os bastidores migratórios em obras de época. História (São Paulo)**, Rio de Janeiro, v. 36, ed. 108, 2017.

RAGO, Luzia Margareth. **Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar: Brasil (1890 – 1930).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAGO, Luzia Margareth. **Os Prazeres da Noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo: (1890 – 1930).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.



RAGO, Luzia Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del(Org.). **História das mulheres no Brasil** 2.ed.- São Paulo: Contexto, 1997.

SCHETTINI, Cristiana; POPINIGIS, Fabiane. Empregados do comércio e prostitutas na formação da classe trabalhadora no Rio de Janeiro republicano. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 11, n. 19, p. 57-74, jul.-dez. 2009.

VINCENT, Isabel. **Bertha, Sophia E Rachel: A sociedade da Verdade e o tráfico das polacas nas Américas**. Tradução: Alexandre Martins. 1. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumára, 2006. 246 p.